

# Para introduzir nossa proposta: Peirce, a compreensão e a Umbanda



*Antonio Roberto Chiachiri Filho*

*Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)  
Docente do Programa de Pós-graduação em  
Comunicação da Faculdade Cásper Líbero  
E-mail: archiachiri@casperlibero.edu.br*

*Marcelo Santos de Moraes*

*Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)  
Docente do Programa de Pós-graduação em  
Comunicação da Faculdade Cásper Líbero  
E-mail: masmoraes@casperlibero.edu.br*

**Resumo:** Neste artigo revisitamos a noção peirceana de ícone, a qual abarca as metáforas, hipoícones cujas similaridades com o objeto são estabelecidas por meio de um paralelismo com algo externo tanto ao signo quanto ao objeto. Para explorar o potencial heurístico dessa definição na perspectiva do método compreensivo, investigamos aqui a presença de signos predominantemente metafóricos, responsáveis por permitir a aproximação dialógica entre os distintos universos da Umbanda, religião nascida no Brasil e na qual interagem tradições cristãs, africanas e indígenas.

**Palavras-chave:** Comunicação, semiótica, a compreensão como método, Charles Sanders Peirce, umbanda.

*Para introducir nuestra propuesta: Peirce, la comprensión y la Umbanda*

**Resumen:** En este artículo revisitamos la conceptualización peirceana de ícono, el cual comprende las metáforas, hipoícones cuyas similitudes con el objeto se establecen por medio de un paralelismo con algo externo tanto al signo como al objeto. Para explotar el potencial heurístico de esta definición en la perspectiva del método comprensivo, investigamos la presencia de signos predominantemente metafóricos, responsables de permitir la aproximación dialógica entre los distintos universos de la *Umbanda*, religión nacida en Brasil y en la que integran tradiciones cristianas, africanas e indígenas.

**Palabras clave:** Comunicación, semiótica, la comprensión como método, Charles Sanders Peirce, umbanda.

*Introducing our proposition: Peirce, comprehension and Umbanda*

**Abstract:** In this paper we revisit Peirce's concept of icon, which comprehends the metaphors, hipoicons in which the similarities with the object are established through a parallelism with something that is external to both sign and object. In order to explore the heuristic potential of such definition from the perspective of comprehension as a method, we investigate here the presence of signs that are predominantly metaphorical, which would be responsible for allowing for a dialogical rapprochement between the several different universes of *Umbanda*, a religion that was created in Brazil and in which christian, african and indigenous traditions interact.

**Keywords:** Communication, semiotics, comprehension as a method, Charles Sanders Peirce, umbanda.

O pensamento do filósofo norte-americano Charles Sanders Peirce (1839-1914) começou a ser difundido no Brasil especialmente a partir da segunda metade da década de 1970, sobretudo no Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), que em 1978 daria origem ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica.

Tal programa foi, por muito tempo, um dos centros de excelência na formação de mestres e doutores em comunicação no Brasil. Dali saiu a maior parte das centenas de semioticistas brasileiros, os dois autores deste texto incluídos – o que pode ser constatado pela vasta bibliografia brasileira sobre semiótica –, que, ainda hoje, trabalham na perspectiva peirceana.

Entre os fatos importantes para a divulgação das ideias de Peirce nas terras brasileiras, podemos citar a tradução, realizada em 1972, de textos do filósofo publicada pela editora Cultrix, uma coletânea que antecedeu em muitos anos as primeiras traduções de escritos peirceanos em países da Europa. Também é importante mencionar o lançamento, em 1974, do livro *Semiótica da literatura*, com o qual o poeta concreto Décio Pignatari inaugurava os estudos da semiótica peirceana no Brasil, junto com a tradução do livro *Pequena estética*, de Max Bense (1972), que contava com uma longa introdução à semiótica de Peirce, escrita pelo também poeta Haroldo de Campos (Alzamora e Borges, 2013).

*Na metáfora, as similaridades com o objeto são estabelecidas por meio de um paralelismo com algo externo tanto ao signo quanto ao objeto*

A partir da década de 1980, pesou o esforço regular e incansável de Lucia Santaella – que chegou a presidir a *The Charles S. Peirce Society*, em 2007 – na divulgação da semiótica peirceana, bem como na elaboração de uma interpretação bilateralmente original e rigorosa da obra do filósofo, ligando-a de maneira privilegiada à Comunicação.

Fazemos esta breve explanação para, por um lado, apontar a razão da popularidade de Peirce entre os pesquisadores da Comunicação brasileiros, algo *sui generis* no contexto latino-americano, e, por outro, queremos, já aqui, assinalar o norte epistemológico deste escrito: o de, seguindo Santaella (2002), apropriar-se da filosofia peirceana, especialmente da semiótica, para construir e reconstruir os significados dos fenômenos comunicacionais.

## A metáfora em Peirce

Nosso problema de pesquisa, que enunciaremos na sequência, surgiu de uma provocação endereçada aos autores pelos organizadores do “I Seminário Brasil-Colômbia de Estudos e Práticas de Compreensão”, realizado em 2015 e que faz parte do projeto de pesquisa “A compreensão como método”, uma parceria entre a Faculdade Cásper Líbero, de São Paulo, e a Facultad de Comunicaciones da Universidad de Antioquia, em Medellín. Então, fomos convidados a refletir sobre o conceito de metáfora na perspectiva peirceana, problematizando-o a partir da abordagem da *compreensão*, entendida como método dedicado a pôr em diálogo tradições de pensamento diversas (Künsch et al, 2014). Isso nos levou, inicialmente, a revisitar a noção de ícone.

Na Teoria Geral dos Signos de Peirce, o termo “ícone” é subdividido em ícone puro, ideias integralmente pertencentes ao domínio da primeiridade e, portanto, mentais abstratas, não-relacionais, ou ainda puramente hipotéticas, meras possibilidades lógicas, e o “hipoícone”, ou o ícone encarnado/existente, signo de aspecto predominantemente icônico que representa seu objeto principalmente por similaridade (CP 2.277).

Nesta última categoria, a de hipoícone, está a metáfora. Esta designa os signos predominantemente icônicos, ou hipoícones, cujas similaridades com o objeto são estabelecidas por meio de um paralelismo com algo externo tanto ao signo quanto ao objeto, certa convenção arbitrária, o que Peirce chamou de hipoícone metafórico. Dito de outro modo: na semiótica peirceana, os processos semióticos predominantemente metafóricos traçam similitude.

Explorar o potencial heurístico desta definição na perspectiva do método compreensivo, devotado a estimular a “produção de conhecimentos a partir da dialogia entre teorias, autores, saberes, experiências” (Künsch et al, 2014, p. 14), conduziu-nos a

perguntar se na *Umbanda*, religião nascida no Brasil e na qual interagem tradições cristãs, africanas e indígenas, apenas para citar as bases mais importantes desse culto, se poderiam identificar signos predominantemente metafóricos, responsáveis por permitir a aproximação dialógica entre os distintos universos citados.

Nossa hipótese de pesquisa foi, exatamente, a resposta afirmativa a essa questão. O método de pesquisa adotado pelos autores foi o da revisão de literatura, tarefa para a qual se consultaram escritos de Peirce e literatura específica sobre a *Umbanda*, apresentada na seção subsequente.

### ● Notas explicativas sobre a Umbanda

Em “A invenção do Brasil no mito fundador da Umbanda”, o historiador Mario Sá Junior (2012, p. 2) correlaciona o aparecimento oficial das práticas umbandistas com a histórica brasileira, notadamente o período que marca o fim do Império e o nascimento da República, proclamada em 15 de novembro de 1889.

Trata-se daquilo que o sociólogo francês Roger Bastide (1971), um dos fundadores da Universidade de São Paulo, identificou como a transição da chamada “macumba”, expressão mágica do negro recém-alforriado e marginal, para uma prática religiosa do cidadão livre integrado à nascente sociedade de classes brasileira. Naquele período, localizado na virada do Século XIX para o Século XX, criaram-se tradições (Hobsbawm, 1994) devotadas a institucionalizar, entre outras coisas, o mito de uma miscigenação pacífica – e pacificadora – como fundadora do povo brasileiro.

Se tal mito não tinha sentido numa sociedade escravocrata, na qual senhor e escravo ocupavam espaços de poder não apenas distintos, mas antagônicos (Fernandes, 1965), no Brasil republicano era fundamental construir narrativas através das quais o negro forro fosse alçado à condição de cidadão.

Tanto assim que o sociólogo Gilberto Freyre, em seu *Casa grande & senzala* (2000 [1933]), encarregou-se de conceder caráter científico à ideia de uma “democracia racial”, expressa pelo mulato, pela mistura pacífica de raças que faria do Brasil um dos regimes mais flexíveis e horizontais do mundo.

Outros pensadores importantes daquele período, a exemplo de Florestan Fernandes, Sérgio Buarque de Holanda, Francisco Varnhagen e Thales de Azevedo, corroboraram esta tese, classificando a convivência das múltiplas etnias existentes no Brasil como cordial e pacata, às vezes, porém, contaminada pelas velhas estruturas escravocratas imperiais. Essa “crença no mito da democracia racial é estruturante do sentimento de nacionalidade brasileiro, a ponto de operar uma rara concordância valorativa entre as diferentes camadas sociais que formam a sociedade nacional” (Bernardino, 2002, p. 250).

Tal crença também pode ser encontrada na fundação daquela que é por muitos considerada a única religião “genuinamente brasileira” (ver Sá Junior 2012) popular: a Umbanda, na qual as tensões raciais estariam apaziguadas através da gênese de um culto mestiço, culto este em que a cristandade, as religiões de matriz africana e aquelas xamânicas, de origem indígena, estariam harmoniosamente hibridizadas e sobrepostas numa prática original de vivência do sagrado.

Há, como se percebe, certa replicação do discurso da “democracia racial”, então dissipado em várias instâncias da sociedade brasileira. A religião não passaria imune a tal discurso. Isso fica explicitado no mito que origina ou oficializa as práticas umbandistas. Segundo narra um dos grandes estudiosos da Umbanda, Rubens Saraceni, no volume *Os decanos: os fundadores, mestres e pioneiros da Umbanda* (2003), esta religião – eis o discurso oficial – teria sido criada quando, em 1908, Zélio Morais, então com 17 anos e membro de uma família branca e católica de classe média, começou a apresentar comportamentos incomuns e inexplicáveis:

Ora ele assumia a estranha postura de um velho, falando coisas aparentemente desconexas, como se fosse outra pessoa e que havia vivido em outra época; e, em outras ocasiões, sua forma física lembrava um felino lépido e desembaraçado, que parecia conhecer todos os segredos da natureza, os animais e a plantas (Saraceni, 2003, p. 21).

Diante da falta de diagnóstico médico e depois de dois exorcismos ineficazes conduzidos pelo tio de Zélio, um padre, os familiares deliberaram conduzir o rapaz à recém-fundada Federação Kardecista de Niterói, instituição dedicada ao espiritismo – ou kardecismo –, religião de base cristã originada na França oitocentista e ainda hoje bastante popular no Brasil. Além de pautar-se por ideais presentes em outras doutrinas cristãs, como o “amor ao próximo” e a centralidade da figura de Jesus, o espiritismo, naquele momento, era fortemente influenciado pela filosofia positivista, buscando certo caráter científico/experimental para explicar manifestações como a do transe.

Outra particularidade do espiritismo frente às demais religiões de base cristã é o seu alicerce reencarnacionista, acreditando-se tanto na imortalidade do espírito quanto na multiplicidade de experiências deste no “mundo material”, numa espécie de sucessão de vidas. A prática espírita, como o nome dá a sugerir, envolve o contato regular com “espíritos”. Este contato é estabelecido através de médiuns, pessoas dotadas da capacidade de interagir com “desencarnados” ao modo do que as pessoas comuns fazem umas com as outras: comunicação face a face, conversa, e assim por diante. Aos médiuns também caberia a faculdade de ceder momentaneamente o seu corpo material para que os espíritos se comuniquem com as pessoas comuns, em variados tipos de interação, indo-se desde o aconselhamento até a transmissão de energias saudáveis.

Aportadas no Rio de Janeiro em fins do século XIX, as práticas mediúnicas e os

fenômenos das “mesas girantes e falantes” começaram a se alastrar principalmente nas camadas da elite brasileira, mais abertas ao contato com os “seres invisíveis” desde que fosse resguardado o seu caráter experimental e científico – caráter que a seduzia num momento fortemente marcado pela influência do cientificismo. Parte dessa elite serviu, portanto, como introdutora do espiritismo em terras brasileiras, emprestando-lhe um grande peso legitimador (Arribas, 2013, p. 468).

Ao entrar na Federação Kardecista de Niterói e reproduzir seu comportamento fora do comum, Zélio teria sido assistido por um médium capaz de enxergar e se comunicar com a espiritualidade, o Sr. José de Souza. Assim Saraceni narra o diálogo entre este médium e o espírito que estaria atuando em Zélio:

– Sr. José: Quem é você que ocupa o corpo deste jovem?

– O Espírito: Eu? Eu sou apenas um caboclo brasileiro.

– Sr. José: Você se identifica como caboclo, mas eu vejo em você restos de vestes clericais.

– O Espírito: O que você vê em mim são restos de uma existência anterior. Fui padre, meu nome era Gabriel Malagrida e, acusado de bruxaria, fui sacrificado na fogueira da Inquisição por haver previsto o terremoto que destruiu Lisboa em 1755. Mas, em minha última existência física, Deus concedeu-me o privilégio de nascer como caboclo brasileiro.

– Sr. José: E qual é seu nome?

– O Espírito: Se é preciso que eu tenha um nome, digam que sou o Caboclo das Sete Encruzilhadas, pois para mim não existirão caminhos fechados. Venho trazer a Umbanda, uma religião que harmonizará as famílias e que há de perdurar até o final dos séculos (Saraceni, 2003, p. 21-22).

O espírito automeado “Caboclo das Sete Encruzilhadas” teria, ainda, criticado o fato de nas casas espíritas “kardecistas” manifestarem-se apenas espíritos de brancos:

Deus, em sua infinita bondade, estabeleceu na morte o grande nivelador universal: rico ou pobre, poderoso ou humilde, todos se tornam iguais na morte. Mas vocês homens preconceituosos, não contentes em estabelecer diferenças entre os vivos, procuram levar essas mesmas diferenças até mesmo além da barreira da morte. Por que não podem nos visitar esses humildes trabalhadores do espaço, se, apesar de não haverem sido pessoas importantes na terra, também trazem importantes mensagens do além? Por que o “não” aos caboclos e pretos velhos? Acaso não foram eles também filhos de Deus? (Saraceni, 2003, p. 22).

### Umbanda como dispositivo compreensivo

Após esta fala na Federação Espírita de Niterói, conta-se no mito fundador, o jovem Zélio, guiado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, criou a Tenda Nossa Senhora da Piedade, primeiro templo umbandista do Brasil, no qual espíritos de várias linhagens podiam se expressar livremente. Abriu-se, a partir deste momento, espaço para “alguns médiuns, que haviam sido escorraçados de mesas kardecistas, por haverem incorporado caboclos, crianças ou preto-velhos” (Saraceni, 2003, p. 23).

Não nos cabe colocar em suspenso a verdade sagrada da narrativa descrita. O conhecimento teológico, *revelado*, não tem por princípio a capacidade de ser falseado, como cumpre à ciência. Mas nos aparece oportuno reforçar, aqui, a existência de muitas similitudes do mito fundador da Umbanda e aquele, à época considerado científico, responsável por propagar a ideia de uma “democracia racial” como marca da sociedade brasileira, conforme se passou a discursar a partir da República.

Isso nos leva a sugerir que, em certa medida, a Umbanda funcione como *dispositivo compreensivo* para as três principais matrizes culturais/religiosas existentes no Brasil: a europeia católica-romana e aquelas provenientes dos povos africanos e ameríndios,

sempre múltiplas e às vezes muito distintas entre si. Definimos dispositivo compreensivo a partir de Foucault (2000, p. 244), como um conjunto necessariamente heterogêneo e dialógico que engloba discursos, instituições, práticas, espaços, decisões, leis, medidas administrativas, enunciados científicos,



*O ponto riscado para Oxóssi é também a marca da paz, o aceno de um acordo que busca o diálogo entre algumas das matrizes do povo brasileiro*

proposições filosóficas, morais, filantrópicas e religiosas. O dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo compreensivo é a rede dialógica tramada entre estes elementos, dando a eles a oportunidade de interagir fora da briga por poder simbólico ou autoridade.

Na Umbanda, espíritos de caboclos, dotados do conhecimento mágico dos povos das florestas, orixás/rituais de matriz africana, os santos católicos e algumas práticas kardecistas convivem pacificamente, hibridizando-se em algo único e novo. E também bastante heterogêneo. Talvez, o certo seja falar em “umbandas”. Há aquelas que colocam acento na tradição afro, outras mais “brancas”, bastante parecidas com as casas de oração espíritas; há, também, linhas que se misturaram com práticas hinduístas, budistas, ciganas, ou ainda com religiões baseadas no consumo do *ayhuasca*, uma bebida alucinógena – caso do “Santo Daime”, cuja fusão com a Umbanda produziu o “umbandaime”.

Isso acontece porque a Umbanda é um *sistema de comunicação* (Santos, 2015) aberto, que já nasce promíscuo e assim se mantém, não apenas reverenciando as suas correntes

fundadoras, mas também abrindo lugar para novos discursos e práticas ritualísticas, sempre pelo norte da *compreensão e inclusão como método*. Talvez aquilo que os modernos brasileiros observaram como característica principal do nosso país: a *antropofagia* ou a capacidade de se alimentar da cultura do outro, não para imitá-la, e sim para recriá-la a partir da nossa própria cultura. Ao invés da *assimilação* ou da *aniquilação*, insurge a *reconstrução do eu a partir do outro*.

### Os pontos riscados: metáforas gráficas da compreensão religiosa

Segundo aponta Osvaldo Soleira em sua dissertação de mestrado, intitulada “A magia do ponto riscado na umbanda esotérica” (2014, p. 50), Rivas Neto, figura central nesta linha da Umbanda, afirma que:

- a. Toda magia inicia-se pelo campo mental. Sem ideação não haverá a corrente de pensamentos, a qual atrairá esta ou aquela força e mesmo certas Entidades Astralizadas.
- b. A seguir, haveremos de ter uma forte corrente de vontade, desejo, o qual atua de forma decisiva no sucesso da

execução e resultados provenientes da magia. É dominando ou fortalecendo a vontade que o ‘magista’ ou o ‘mago’ tornam-se habilitados e gabaritados a dominar os ‘elementos vibratórios’ ou mesmo atuar por meio da vontade de várias Entidades Astralizadas

- c. Nenhum ritual magístico alcançará seus objetivos se não for projetado sobre determinados elementos físicos, densos e etérios, os quais servirão de canais da magia (...).

Uma das formas utilizadas pelos umbandistas para projetar a magia no mundo físico é a construção de signos gráficos nomeados “pontos riscados” (Figura 1). Tais signos desempenham a função de marcar semioticamente o espaço sagrado, designando lugares específicos para a manifestação de cada espírito ou grupo de espíritos. Isso impede que entidades mal-intencionadas se presentifiquem e, ao mesmo tempo, assegura que as entidades evocadas se manifestem. Usualmente, os pontos são grafados com uma pomba (pedra de calcário colorida que parece um giz), utilizando-se formas como pentagramas, estrelas de Davi, triângulos, lanças, flechas, raios, folhas, cruzes e muitos outros signos, provenientes de variadas tradições.



Figura 1 – “Pontos riscados” marcam semioticamente o espaço sagrado.

Fonte: Casa Espírita de Oxóssi, 2015.

Tomemos um exemplo trazido por Linconly Pereira na pesquisa “A umbanda em Fortaleza: análise dos significados presentes nos pontos cantados e riscados nos rituais religiosos” (2012). Aqui, o citado autor (Pereira, 2012, p. 120) traz, junto com a fotografia de um ponto riscado (Figura 2), a explicação detalhada dos seus significados, explicação essa realizada por um pai de santo, chefe religioso de uma casa de Umbanda:



**Figura 2** – O ponto riscado como representação da fé, da caridade, amor e compaixão (Pereira, 2012, p. 120).

(...) A cruz quer dizer o quê, representação: muita gente ignorante vai dizer que é Cristo crucificado, não é isso. A cruz representa a fé, a confiança. Porque quem

tem fé tem tudo, então a cruz é aquilo que você carrega na sua vida. Quando você vem pagar o seu carma, então cada um carrega a sua cruz. Tem que ter fé. Porque Cristo morreu na cruz, então tem que ter fé. Por isso, a cruz representa a fé. O coração: a caridade, o amor, a compaixão para com o próximo, o coração representa isso: amor, caridade, compaixão. Esses são os três símbolos sagrados da Umbanda. Esse daqui é o ponto de Oxóssi. É o quê: a cruz, duas flechas e [...] as estrelas, veja bem como as coisas são. Esse ponto de Oxóssi é origem de quê: da prosperidade, da fartura. (...). Essa flecha representa a caça. É a arma do Oxóssi pra caçar, ele tem que ter a flecha pra atrair a caça, derrubar a caça para alimentar os seus filhos. (...)

A identidade gráfica ou o *ponto de comunicação* de um orixá, divindade dos cultos afro-brasileiros, é metaforicamente representada com o símbolo máximo da cristandade: a cruz. A flecha dos índios e dos negros, signo da força do pai que alimenta seus filhos, atravessa a fé católica sem constrangimentos, embates ou disputas. Há, ao contrário, a expressão de prosperidade, materializada nas quatro estrelas que se encontram nas pontas da cruz.

Isso é aquilo que acima denominamos dispositivo compreensivo: o ponto riscado para Oxóssi é também a marca da paz, o acento de um acordo cultural/metafórico que busca o diálogo antropofágico entre algumas das matrizes que originaram o povo brasileiro. Aqui, quem sabe, haja *avant la lettre* a proposição epistêmica do projeto nomeado “A compreensão como método”.

(artigo recebido jun.2016/aprovado set.2016)

## Referências

---

- ALZAMORA, Geane; BORGES, Priscila. A apresentação da semiótica no campo da comunicação no Brasil. In: CASTRO, Daniel; MELO, José Marques. (Orgs.). **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil**. Brasília: Ipea, 2013, v. 4, p. 69-84.
- ARRIBAS, Célia da Graça. Kardecismo e umbanda: duas religiões brasileiras. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 40, p. 466-470, jul./dez. 2013.
- BASTIDE, Roger. Nascimento de uma religião. In: **Religiões africanas no Brasil**. v. 2. São Paulo: Livraria Ed. Pioneira-EDUSP, 1971.
- BERNARDINO, Joase. Ação afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil. **Estudos Afro-Asiáticos**, v. 24, n. 2, p. 247-273, 2002.
- FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Dominus Editora/Ed. USP, 1965.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.
- HOBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- KÜNSCH, Dimas A.; AZEVEDO, Guilherme; BRITO, Pedro; MANSI, Viviane. (Orgs.). **Comunicação, diálogo e compreensão**. São Paulo: Plêiade, 2014.
- PEIRCE, Charles. **The collected papers of Charles S. Peirce**. v. 5. Virginia/EUA: Intelix Past Masters, 2010.
- PEREIRA, Linconly. **A umbanda em Fortaleza**: análise dos significados presentes nos pontos cantados e riscados nos rituais religiosos. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.
- SÁ JUNIOR, Mario. A invenção do Brasil no mito fundador da Umbanda. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 6, p. 01-14, 2012.
- SANTAELLA, Lucia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- SANTOS, Marcelo. **Para uma abordagem sistêmica da comunicação visual**: cognição, psique e tecnocultura. São Paulo: Editora Plêiade, 2015.
- SARACENI, Rubens. **Os Decanos**: os fundadores, mestres e pioneiros da Umbanda. São Paulo: Madras, 2003.
- SOLEIRA, Osvaldo. **A magia do ponto riscado na umbanda esotérica**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.